



É preciso aumentar o protagonismo das engenharias

Alexandre Santos

Comenta sobre a necessidade de aumentar a presença das engenharias e dos engenheiros nos processos decisórios do País.

Do ponto de vista político, embora sejam extremamente qualificados e exerçam atividades responsáveis pela formação de 65% do Produto Interno Bruto, os engenheiros brasileiros – um contingente de quase um milhão de profissionais abrigados em 200 mil empresas –, vivem uma espécie de apartheid. De fato, excluída a influência pontual (e, quase sempre, de natureza comercial) de empreiteiros prestigiados em reciprocidade a contribuições eleitorais, os engenheiros são pouco ouvidos nos círculos decisórios que governam o País. Esta situação está errada, pois, além de não traduzir a importância econômica do setor, indica desdém pela contribuição que os engenheiros e as engenharias poderiam oferecer ao bem estar do País.

Para traduzir a importância merecida, os engenheiros e as engenharias precisam, não apenas ampliar sua participação no conjunto formador de opinião, mas, também, constituir integrar e influir os principais círculos decisórios da Nação.

Na realidade, independentemente da necessidade de compatibilizar a participação política do setor com a contribuição econômica que oferece à sociedade, a maior participação é necessária como forma de melhor aproveitar a contribuição que os engenheiros e as engenharias podem dar ao processo de conquista do bem estar social.

Isto tudo implica em que, ao invés de esperar por um improvável convite para integrar os círculos decisórios e formadores de opinião, os engenheiros e as engenharias devem lutar por maiores espaços. Devem, portanto, aumentar o seu protagonismo político

Que os engenheiros ocupem espaço e bradem aos quatro cantos do País a sua vontade de participar do processo de construção do futuro.

(*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco.